Como Ser
um
Cristão
Espiritual
Autor:
C. J. Jacinto

COMO SER UM CRISTÃO ESPIRITUAL

C. J. Jacinto

Publicações Bíblicas Bereianas

(48) 999616582
claviojj@gmail.com

Se você foi abençoado com a leitura deste livreto entre em contato com o autor, suas palavras serão de encorajamento para a continuidade do ministério epistolar gratuito

Apresentação

No primeiro sermão abordei o contraste entre Marta distraída e Maria atenta ás Palavras de Cristo, no segundo sermão fiz uma abordagem acerca de Maria mãe de Jesus e sua postura de serva como exemplo de verdadeira espiritualidade e por ultimo uma analise sobre a regeneração e a vida espiritual.

Sermão I

A passagem de Lucas, capítulo 10, versículos 38 a 42, sempre foi objeto de minha profunda reflexão. Nela, encontramos a narrativa sobre Marta e Maria. Podemos ler o trecho relevante nestas palavras: "E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, sentando-se aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se importa que minha irmã me deixe servir sozinha? Dize-lhe, pois, que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas; porém, uma só coisa é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada."

Extraímos valiosas lições desta passagem, que nos apresenta duas mulheres na presença de Jesus: Marta e Maria. Suas condutas, embora distintas, oferecem um rico panorama de aprendizado. Através do comportamento e das reações de ambas, diante da presença gloriosa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, podemos discernir princípios importantes para nossa vida. Creio que este trecho nos proporciona inúmeras oportunidades de crescimento espiritual. Marta e Maria eram irmãs. Ambas eram irmãs de Lázaro, a quem o Senhor ressuscitou. A aldeia mencionada no texto é Betânia, situada nas encostas do Monte das Oliveiras, a aproximadamente três quilômetros de Jerusalém. Observamos, nessas duas

mulheres, um exemplo do qual podemos extrair ensinamentos sobre a vida espiritual. Maria estava aos pés do Senhor, enquanto Marta estava a serviço. Contudo, algo digno de nota se manifesta: embora ambas seguissem Jesus, havia uma distância entre elas, tanto em comportamento quanto em situação. Marta estava preocupada com as tarefas materiais, enquanto Maria se dedicava às questões espirituais. Maria estava próxima de Jesus, ao passo que Marta permanecia distante, não apenas fisicamente, mas também em espírito. Essa distinção nos oferece importantes lições. O primeiro ponto de contraste evidente entre Marta e Maria reside no fato de que Marta se ocupava com atividades alheias à presença de Jesus. Marta, distraída por suas tarefas, demonstrou uma falta de percepção sobre o que realmente importava, priorizando questões secundárias em detrimento dos fundamentos da vida espiritual, da presença de Deus e de Cristo. Para ela, a companhia de Jesus e seus ensinamentos não eram prioridade, mas sim o afã da preparação. Em contrapartida, Maria escolheu estar aos pés do Senhor, absorvendo seus ensinamentos. Essa distinção nos remete à contemporaneidade, onde, em muitas igrejas, especialmente aquelas influenciadas por tradições pós-modernas e filosofias humanistas, observa-se um afastamento dos ensinamentos de Jesus, talvez até em uma condição pior do que a da igreja de Laodiceia. Nesses casos, o entretenimento, os assuntos mundanos e as preocupações materiais frequentemente se sobrepõem à busca pela presença do Senhor e pela compreensão de seus ensinamentos. A busca pelo que edifica é substituída pelo que emocionam, as atividades religiosas estão no movimento e não na contemplação, tudo se move em torno de ações que evidenciam um verdadeiro show business, a pregação bíblica fiel, temática, textual ou expositiva são substituídas por sermões curtos psicologizados e antropocêntricos, uma injeção de otimismo emocional, psicodélico espiritual para anestesiar a alma ao êxtase religioso. Longe das Palavras de Cristo.

Com efeito, impõe-se a necessidade de sermos francos conosco, pois reconhecemos que um dos maiores obstáculos a serem superados, um desafio persistente em nossas vidas, reside na capacidade de concentração. Em outras palavras, a habilidade de direcionar o foco para o que realmente importa. Na vida cristã, observa-se frequentemente uma dinâmica semelhante. Notamos o comportamento, a atenção e a concentração dos presentes durante um culto, em especial diante da mensagem que lhes é apresentada. Percebemos que manter o foco e a atenção integralmente voltados para o propósito principal do culto – a adoração, a escuta da Palavra de Deus – é um desafio constante. Isso exige disciplina, não admirável que Paulo em suas cartas compare o cristão como um soldado ou um atleta, funções que no contexto paulino, exigiam extrema disciplina. Em alguns casos, a experiência do canto pode parecer mais atraente do que a escuta atenta. Em certos contextos, a popularidade de igrejas que enfatizam o canto, a dança e o entretenimento tem se destacado. As multidões parecem buscar essa experiência. Essa forma de espiritualidade, similar à atitude de Marta na narrativa bíblica, pode desviar a atenção da essência e do fundamento da fé. O ensino e a escuta da voz do Espírito Santo podem perder sua importância, sendo substituídos, em alguns casos, pelo entretenimento religioso, que caracteriza o culto moderno. Portanto, depreende-se que a tendência inerente ao ser humano, em sua condição natural, é a de desviar o foco do essencial e do fundamental. Se nossos cultos exigirem atenção e concentração plenas para uma compreensão aprofundada, visando à formação de adoradores genuínos e à absorção completa dos ensinamentos, corremos o risco de cair numa monotonia póstuma ou ficar sob efeito de dependência do show antropocêntrico. A satisfação humana em lugar da obediência a Deus. A rejeição ao culto bíblico, ordenado, a posição de Maria, quieta aos pés do Senhor, ouvindo Cristo e tendo comunhão com Ele, é substituída por essa abordagem motivada pelo anseio por um ambiente que

proporcione alegria, entretenimento e muito prazer emocional. No entanto, essa busca por satisfação imediata e emocional se assemelha à perspectiva de Marta, que prioriza a atividade em detrimento da edificação espiritual, da iluminação e do crescimento interior. Em vez de buscar o benefício espiritual, essa abordagem prioriza a satisfação do ego.

É possível, com efeito, desenvolver uma teologia sólida e uma doutrina saudável, fundamentada em crenças profundas, como a doutrina da onipresença divina. Cremos, de fato, na presença constante do Senhor, atributo inerente à divindade. Deus, em sua natureza trina, manifesta-se no culto. Sua presença é uma realidade inquestionável. Contudo, essa compreensão teológica pode se tornar estéril se negligenciarmos a importância da presença divina no culto. É nesse ambiente sagrado que Deus se manifesta de maneira singular, especialmente quando a adoração é autêntica, o louvor sincero e a pregação fiel, com a exposição dos ensinamentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Onde o Evangelho é proclamado, Cristo também está presente. Para Maria, a presença de Cristo estava associada a ouvir tudo o que Ele tinha a dizer, nos cultos modernos, os participantes não conseguem ficar sentados aos pés de Cristo para ouvir, espiritualidade nesse contexto é sinônimo de movimento e não de atenção e reverencia! Um culto que prioriza a exigência de escutar com toda a atenção a pregação expositiva, torna-se extremamente tedioso e monótono para todas “martas” viciadas no movimento do ego que flutua distante da presença de Cristo e da Sua Palavra.

Assim, compete a nós reconhecer a relevância dessa realidade, não apenas em termos teóricos, mas também por meio de nosso comportamento e convicção. As Escrituras Sagradas nos ensinam que nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Comunhão implica intimidade, como a de Maria, que se encontrava aos pés do Senhor. A distância observada entre Marta e Jesus, por exemplo, não refletia essa intimidade.

Diante desta conjuntura, torna-se evidente que a intimidade com o Senhor se estabelece a partir do contato com a comunhão com Ele e com Sua Palavra. É fundamental ressaltar que a associação de Maria com a proximidade de Jesus, conforme narrado nos Evangelhos, exemplifica a importância de receber e internalizar Seus ensinamentos.
É evidente, e desejo enfatizar de forma clara e precisa, que a relação de Maria com Jesus transcende a emoção. Maria não experimenta êxtase ou comoção; sua interação com Ele não se baseia em sentimentos. Ela se entrega a essa intimidade por meio da razão, do intelecto, pela consciência da palavra e dos ensinamentos de Jesus, e não através de uma experiência subjetiva. Trata-se de algo prático, objetivo: a presença real de Deus em nossas vidas por meio da palavra. Maria, atenta à palavra, contrastava com Marta, que se preocupava com atividades externas, desviando sua atenção dos ensinamentos de Cristo. A presença de Deus, portanto, não reside na emoção e nos sentimentos subjetivos, mas em ouvir e nutrir-se espiritualmente através da proclamação fiel da Palavra, que se constitui o caminho para a vivência autêntica da presença divina e que se constituem os alicerces da vida cristã (Mateus 7:24)

Lamentavelmente, observa-se uma considerável confusão acerca da experiência da presença de Deus. Conseqüentemente, muitos buscam percursos espirituais que divergem dos ensinamentos bíblicos, como a busca da presença divina através da música. É inegável que a música possui a capacidade de evocar emoções profundas. Inclusive, mesmo indivíduos céticos podem experimentar emoções intensas ao ouvirem música, seja de amor, seja de natureza melancólica. Em alguns casos, um descrente, ao ouvir uma canção de outrora, pode rememorar muitas experiências passadas, especialmente todas aquelas relacionadas as paixões da mocidade. Ao escutar músicas românticas, um indivíduo de idade avançada pode reviver

lembranças da juventude e de suas paixões, comover-se e sentir-se profundamente tocado por essas recordações. Isso ocorre porque a música tem o poder de proporcionar tais experiências emocionais profundas e causar alegrias, êxtases ou sentimentos nostalgicos. Grupos carismáticos pós-modernos fazem uso disso para promover uma espiritualidade falsificada, muitas pessoas se emocionam com musica cristã contemporânea e confundem isso com “presença de Deus”.

Em contraste, Maria não estava cantando, nem dançando, nem se entregando a celebrações. Ela permanecia em silêncio aos pés do Senhor, atenta à Palavra de Cristo, aos Seus ensinamentos, escutando-O. Essa era a essência da intimidade de Maria com Cristo. Aqui temos os fundamentos da verdadeira espiritualidade e o caminho para a experiencia da verdadeira presença de Deus. Quanto mais temos da Sua Palavra, mais aprendemos acerca da Sua Pessoa e de Seus Atributos.

A Escritura Sagrada nos convida à intimidade com Deus. Essa relação, contudo, possui um propósito definido. Como podemos compreender essa dinâmica? Em Tiago, capítulo 4, versículo 8, o apóstolo declara: "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós". Mas qual é a finalidade dessa proximidade? Tomemos Maria como exemplo. Ela se encontra aos pés do Senhor. Qual é a sua motivação? Qual o objetivo de sua quietude e presença na intimidade com Ele? Simplesmente ouvir. Ela anseia por aprender. O ensinamento é o alimento da alma, a fonte da percepção espiritual, a luz que ilumina, a edificação que fortalece, a graça que sustenta e a base de um relacionamento correto com Deus. Portanto, a intimidade com o Senhor visa, acima de tudo, o recebimento de Seus ensinamentos. Não se trata de uma experiência mística, mas, conforme o cristianismo ensina, a comunhão com Deus tem como propósito principal a instrução divina.

Há um Salmo específico que aborda esta questão, o Salmo 119, mas há outro que também é muito especial e que se revela crucial para compreendermos nossa relação

com Deus por meio de Sua Palavra. No Salmo 139, somos informados que Deus possui um conhecimento profundo de cada um de nós. De modo análogo, devemos buscar um conhecimento profundo de Deus. A intimidade é construída através do conhecimento; quanto mais nos aproximamos do Senhor, mais compreendemos a respeito de Sua natureza. E isso quando nós somos santificados pela Sua Palavra (João 17:17) um culto não pode ser santificado de forma bíblica se a Palavra de Deus é destituída da sua importância para ser substituída por muitas atividades religiosas e ritualísticas.

Aprofunde-se nesta análise para alcançar uma compreensão mais rica do relacionamento com Deus e um conhecimento adequado e profundo de Sua pessoa. Onde encontramos a revelação dos atributos, qualidades e atribuições de Deus? Somente na Bíblia, fonte de todas as informações sobre o Deus revelado nas Escrituras. Assim, quanto mais aprendemos sobre Deus e Sua vontade, mais nos assemelhamos a Maria, que se sentou aos pés do Senhor para ouvir, isso é quietude, reverencia e prontidão para ouvir, sem pressa e com toda a atenção ao que Deus deseja falar, concentração e coração aberto para aprender.

Aqueles que buscam entretenimento, que se dedicam a um interesse meramente religioso, que procuram êxtases ou outros tipos de experiências místicas, almejam uma presença subjetiva, distante e sem o devido entendimento do Senhor. A distância não permite que se compreenda a essência e a natureza de Deus. Marta exemplifica essa postura, com seu foco desviado de Jesus, de Seus ensinamentos e Seus atributos. Maria, por outro lado, adquiriu conhecimento através da intimidade, ao ouvir a Palavra do Senhor porque estava próxima do Senhor da Palavra.

Atualmente, muitos que professam buscar a presença de Deus se encontram na mesma posição de Marta: distantes, buscando a presença divina através de emoções, entretenimento e atividades humanas, esforçando-se por seus próprios méritos para alcançar a proximidade com

Deus. Contudo, a verdadeira proximidade com Deus surge da entrega completa a Ele, o acesso a presença de Deus não um mérito do suor humano, mas pelo sangue de Cristo. “Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuario, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne” (Hebreus 10:19 e 20) Maria entregou-se totalmente a Cristo, com um único objetivo: ouvi-lo, estar atenta à vontade de Deus, aos Seus ensinamentos.

A questão central é: em um culto, na leitura da Bíblia ou na oração, qual é a motivação principal? A satisfação emocional ou a busca pela vontade de Deus em sua vida? Compreendemos, em alguma medida, que o próprio Cristo nos instrui acerca desses princípios espirituais que ora menciono, especialmente no que concerne à intimidade. No capítulo 6, versículo 6, do Evangelho de Mateus, Jesus ensina aos discípulos a recolherem-se ao aposento, fecharem a porta e ali orarem ao Pai, evidenciando a intimidade com Deus. Observamos que o ambiente proposto é simples, representando uma entrega, longe dos olhares alheios, uma busca pela solidão com Deus, com o coração inteiramente direcionado a Ele. O principio espiritual é evidente, a intimidade com o Senhor é algo muito pessoal, num culto, a maioria pode se comportar como Marta, mas você é chamado a ser como Maria.

No livro de Jeremias, capítulo 29, versículo 13, encontramos a promessa de que aqueles que buscam a Deus de coração O encontrarão. Jesus, em confronto com os fariseus no capítulo 15, adverte que eles honram o Senhor com os lábios, mas seus corações estão distantes. Essa é a questão central: onde está o foco do nosso coração? Pois Jesus ensina que onde estiver o nosso coração, ali estará o nosso tesouro. (Lucas 12:34) Onde estava o coração de Marta? O coração de Marta estava em suas atividades. Ela queria chamar a atenção para si mesma, queria ser o centro das atenções. Onde estava o coração de Maria? O coração de Maria estava em Cristo, contemplando-O e ouvindo-O. Essa é a questão

fundamental. Enquanto nosso coração não estiver concentrado em Cristo, enquanto nossa atenção não estiver voltada para Ele, enquanto não nos dispusermos a ouvi-lo, por meio da escuta atenta aos seus ensinamentos, não compreenderemos verdadeiramente o que é a verdadeira espiritualidade e o que significa ser verdadeiramente espiritual.

Na atualidade, a espiritualidade é frequentemente associada à intensidade emocional, contudo, ao observarmos Maria aos pés de Jesus, percebemos que a espiritualidade autêntica reside em ouvir atentamente, em vez de priorizar as emoções. A maioria daqueles que se autodenominam cristãos atualmente demonstra uma intimidade superficial e artificial com a fé. Em vez de uma conexão genuína, observa-se uma intensa atividade em atividades religiosas: cantam hinos, cumprem agendas eclesiásticas e participam de múltiplos cultos. Essa intensa atividade, muitas vezes, serve a interesses pessoais e à busca de satisfação própria. Na verdade aqueles que se distanciam da verdade tendem a não suportar a as doutrina.

Contrastando com essa realidade, a atitude de Maria, registrada nos evangelhos, revela uma profunda conexão espiritual. Maria, aos pés de Jesus, demonstrava um genuíno interesse em ouvir e aprender com Ele, buscando compreender a essência do Evangelho e os ensinamentos da Palavra de Deus. Como Paulo enfatizou, a essência do ministério cristão reside em ensinar todos os conselhos de Deus. A atenção de Maria se concentrava em absorver os ensinamentos de Cristo, demonstrando a verdadeira espiritualidade.

Por outro lado, as ações de Marta representam a religiosidade superficial e emocional, caracterizada por uma intimidade frágil e distante da verdadeira fé, apesar da aparente dedicação às atividades religiosas. Embora suas ações fossem visíveis, a profundidade da relação com Cristo não era evidente. A Escritura Sagrada apresenta um diagnóstico, um indicativo da experiência humana em

relação a Deus. Maria, ao contrário de Marta, parecia possuir essa sensibilidade. A postura de ambas, portanto, revelava diferenças significativas. Em Salmos, capítulo 42, versículos 1 e 2, encontramos: "Assim como a corça anseia pelas correntes de água, a minha alma anseia por ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo." Essa passagem revela um anseio profundo, uma sede quase desesperada. No contexto do Oriente Médio, onde a narrativa de Lucas se situa e onde as personagens de Marta e Maria viviam, a sede era uma experiência física intensa, especialmente em um ambiente desértico e árido. A expressão do salmista, portanto, transmite a profundidade desse sentimento, um desejo fervoroso.

Em Salmos, capítulo 63, versículo 1, o salmista novamente expressa: "Ó Deus, tu és o meu Deus; de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja em terra seca e fatigada, onde não há água." Observamos, mais uma vez, a manifestação de um desespero interior, um desejo veemente pela comunhão e conhecimento de Deus. Era essa busca que Maria demonstrava ao estar aos pés do Senhor, pois ela havia encontrado a fonte, a fonte da vida eterna, saciando sua sede ao ouvir os ensinamentos de Jesus. Consideremos a vida de Cristo como exemplo. Ele representa o ápice da espiritualidade humana. Nenhum outro ser, em toda a história, demonstrou maior profundidade espiritual. Jesus Cristo vivia a palavra; ao enfrentar as tentações e as investidas do diabo na tentação no deserto, recorreu às Escrituras para refutar e combater as estratégias do adversário. A espiritualidade de Jesus derivava de sua profunda intimidade com a palavra de Deus.

Um livro notável, escrito por Adolf Saphir, um judeu convertido ao cristianismo, aprofunda essa temática. Intitulado "Cristo e as Escrituras", a obra demonstra a profunda conexão de Jesus com a palavra de Deus e como as Escrituras moldaram seu ministério e sua vida. Ele não apenas personificou a palavra, mas a viveu plenamente. Essa vivência da palavra constitui a essência da vida

espiritual, conforme ensina o Novo Testamento, e Cristo personifica esse ideal. Dessa forma, Maria, ao contemplar Jesus, estava diante daquele que poderia ensinar tudo sobre a verdadeira vida espiritual.

Ao longo da história da Igreja Cristã, é possível identificar um período em que a espiritualidade era definida por duas características principais. Inicialmente, o homem espiritual era aquele que possuía profundo conhecimento das Escrituras, o que resultava em uma teologia consistente, embasada na doutrina sólida, na erudição e na piedade. Essas qualidades, em conjunto, delineavam a figura do homem espiritual. Contudo, nas últimas décadas, uma distorção do conceito de espiritualidade emergiu no movimento pentecostal. Semelhante ao misticismo medieval e neoplatônico, a espiritualidade passou a ser associada à vivência de experiências místicas, êxtases e à manifestação de dons sobrenaturais. Assim, essa nova perspectiva passou a definir quem seria considerado espiritual. Contudo, biblicamente, o homem espiritual é aquele que vive de acordo com os ensinamentos da Palavra de Deus, demonstrando profundo conhecimento das Escrituras e uma teologia coerente. Essa compreensão se reflete em sua vida prática, influenciando sua conduta piedosa e o conduzindo a uma imersão nas Escrituras, com as Escrituras, por sua vez, habitando nele. O verdadeiro homem espiritual é exemplificado em Maria, que, aos pés de Jesus, absorvia seus ensinamentos, direcionando toda sua atenção ao Mestre. Jesus, por sua vez, personificava essa espiritualidade, sendo o homem da Palavra, vivendo em consonância com ela, o que o constituía um verdadeiro homem espiritual. Você tem essas qualificações?

Maria e o Modelo de Piedade Bíblica.

Sermão II

O primeiro capítulo do Evangelho de Lucas retrata Maria, mãe de Jesus, como um modelo exemplar de piedade cristã. A análise do perfil de Maria, conforme delineado por ela mesma e pelo evangelista Lucas, revela-se de suma importância para o desenvolvimento espiritual, o discernimento e a compreensão da fé. Ao examinarmos sua vida, somos convidados a refletir sobre a essência da piedade, compreendendo o que significa ser um homem ou mulher marcados por uma piedade que manifesta poder espiritual. Maria, portanto, apresenta-se como um modelo significativo a ser seguido, um exemplo perfeito de quem vive em obediência e submissão à vontade de Deus, o Santo e Todo-Poderoso.

Analisando o perfil de Maria, apresentado no primeiro capítulo de Lucas, podemos observar uma representação fiel do cristão segundo os ensinamentos bíblicos. Ao longo deste estudo, aprofundaremos a análise da figura de Maria, mãe de Jesus, e de seu exemplo de piedade, buscando compreender suas virtudes espirituais e a forma como podemos aplicá-los em nossas vidas. Desejo enfatizar, com convicção, que Maria personifica o perfil de um genuíno cristão bíblico, conforme as normas estabelecidas pelas Escrituras. Ela se destaca como as que estão entre as “santas mulheres que esperavam e Deus” (I Pedro 3:5),

prossigamos em esperar em Deus somente, pois aquele que está sentado no Trono deve ser o centro da nossa bendita esperança

A presente análise visa aprofundar a compreensão da espiritualidade de Maria, tendo como fonte primária o texto conhecido como "O Cântico de Maria". A partir do primeiro capítulo de Lucas 1, versículo 46, encontramos a declaração dela: "A minha alma engrandece ao Senhor". Na análise do termo original grego, o verbo "megaluno" revela um significado de exaltação ao Criador, transcendendo qualquer criatura. Não ela sendo exaltada por homens, mas ela exaltando ao Deus Todo-Poderoso. Isso implica em colocar Deus acima de todas as coisas, reconhecendo a existência de um trono no universo, além do próprio universo, do qual Deus é o soberano sobre todas as criaturas e sobre toda a criação. Maria colocou Deus Santo e Trino além de todas as coisas, exaltando ele acima de tudo, ninguém jamais pode desviar-se desse tão bendito caminho que ela trilhou!

Em suma, "megaluno" expressa a elevação de Deus à sublimidade e à plenitude, ou seja, acima de tudo. Significa reconhecer a completa submissão ao Senhorio de Deus Pai Todo-Poderoso, colocando-O em seu devido lugar. Ao proferir "A minha alma engrandece ao Senhor", Maria direciona sua contemplação exclusivamente a Deus. Ponto fixo da verdadeira devoção que não pode ser removido por ninguém. (Leia Hebreus 2:18 Salmos 22:19, 46:11, 60:11, 121:1 e 2, 124:8) Que possamos dar o mesmo grito apostólico: “Mas alcançando o socorro de Deus ainda até os dias de hoje, permaneço dando testemunho” (Atos 26:22)

Para aqueles que buscam seguir esse modelo de espiritualidade, a orientação é semelhante: voltar o olhar para o Senhor em sua soberania, para o Deus Todo-Poderoso. Após a consumação da obra redentora de Jesus Cristo na Cruz do Calvário, em consonância com a epístola aos Hebreus (12:2), somos chamados a contemplar a Cristo, autor e consumador da nossa fé. A contemplação da

soberania de Deus e de Seu trono inevitavelmente nos conduz à contemplação de Cristo, que está à direita de Deus. Essa é a direção integral de nossa contemplação. Esse é o caminho da verdadeira espiritualidade bíblica. “Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça” (Salmo 17:15)

Compreendemos aqui a essência da verdadeira espiritualidade cristã, conforme descrita nas Escrituras. O cristão genuíno, aquele que experimentou a regeneração, volta seus olhos para Deus, com um único propósito: glorificá-lo. Este é o cerne da vida cristã, que Deus seja exaltado em cada aspecto de nossa existência - em nossos pensamentos, sentimentos, ações, obras, momentos de reflexão e testemunho. O cristão bíblico busca glorificar a Deus em tudo. Seu lema de vida é: "Deus seja glorificado em nossa vida e em nosso viver".

Consideramos, portanto, as palavras de Maria no versículo 47, onde se manifesta uma expressão de louvor cuja profundidade transcende a capacidade de quantificação. Ali reside a essência da espiritualidade e da qualidade de vida profunda que Maria possuía, ao declarar: "O meu espírito exulta em Deus, meu Salvador." A palavra "exulta", neste versículo, traduz a palavra grega "agaliao", enquanto "Salvador" provém de "soter". Percebemos, assim, a combinação do substantivo masculino "soter" com o verbo "agaliao", expressando uma profunda espiritualidade que, como mencionado, não pode ser totalmente apreendida em poucas palavras.

Consideremos a palavra "alegrou-se". Que profunda expressão de gratidão emanava de Maria! Ela tinha um motivo para se alegrar. Qual era sua alegria? A alegria da salvação. A alegria de ter em Deus seu Salvador. Ela necessitava da salvação, assim como cada ser humano necessita. Embora tenha sido um instrumento escolhido por Deus, Maria precisava da misericórdia e da graça divina, como todos nós. Ela reconheceu essa verdade, e essa percepção foi fonte de alegria. A misericórdia de Deus a alcançou, assim como alcança cada um de nós. Essa alegria preencheu sua existência, a consciência de ter sido

agraciada pela graça e misericórdia de Deus. Deus a alcançou através da salvação, e a salvação reside na alma que experimentou o perdão divino. Maria recebeu o perdão, a graça e a misericórdia de Deus. Crendo e aceitando essa realidade, Maria declarou que sua alegria residia em Deus, seu Salvador. Regozijamo-nos diariamente pela misericórdia de Deus que nos alcançou. Alegremo-nos pela grandiosa salvação que Deus nos concedeu por meio de Cristo. Estas questões devem permear nossos corações, guiando-nos a uma vida de constante gratidão a Deus. A emoção de Maria ao compreender ser agraciada pela salvação de Nosso Senhor e Salvador era sublime. Uma alegria plena, transbordante, emanava de seu coração, expressando palavras profundas. Seu exemplo de fé e emoções serve como modelo, demonstrando os sinais evidentes de nossa eleição e da promessa de vida eterna que Cristo nos oferece. Ele próprio declarou: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância", e também: "Eu lhes dou a vida eterna". A vivência espiritual e o bem-estar só podem ser alcançados através de Deus, o Deus Trino, e Maria tinha plena consciência disso. Ao chegarmos ao versículo 48, Maria declara que Deus considerou a humildade de sua serva. Que momento singular! Ela se identifica com esse papel, estabelecendo um contraste notável. Enquanto reis ocupavam tronos em diversas monarquias ao redor de Israel, Maria se autodenomina serva. Este é o título que encontramos para Maria no livro de Lucas e em todos os evangelhos. Deus contempla a servidão de Maria. A palavra "servidão" é um substantivo feminino, remetendo à palavra grega "doulos", da qual Paulo também se identifica, em Romanos 1:1. Aqui reside a grande maravilha: Maria se considera uma serva, alguém completamente submissa à vontade divina. Não seria este um modelo de espiritualidade autêntica? Não deveríamos buscar imitá-la? Certamente. Pois aqui temos uma mulher que se declara serva, o testemunho dessa submissão pode ser parafraseada nestas palavras: "Senhor, faça de mim o que queres, sou teu instrumento". Assim como o poeta cria

a maior poesia através de um simples instrumento, a caneta e o papel, Deus toma Maria em suas mãos e a transforma em um exemplo sublime de servidão, digno de nossa admiração e imitação, um modelo de verdadeira e genuína espiritualidade a ser considerado por todo cristão. É fundamental ponderar a posição de Maria, que, em sua humildade, se apresenta diante do mundo. Maria, a Maria do cristianismo bíblico, a Maria do Novo Testamento, a Maria dos Evangelhos, uma serva do Senhor. Ela não é a senhora de seu destino e missão, Deus é Senhor sobre ela, e o senhorio soberano de Deus é o centro da sua devoção e da sua vida.

A partir das declarações de Maria, podemos discernir uma verdade fundamental: ela se sentiu contemplada por Deus. Essa experiência me remete ao livro de Jó, capítulo 1, versículo 8, onde Deus atesta a retidão, a piedade e a integridade de Jó. Assim como Jó era objeto da atenção divina, Maria também o era. Deus observava a postura de Maria, mulher de grande piedade, modelo a ser seguido, pois ela irradiava as virtudes que os cristãos devem cultivar. Deus contemplava aquela que seria a mãe do Senhor, em virtude de sua servidão, sua submissão e sua completa dedicação, tornando-se instrumento nas mãos do Senhor para que o Messias viesse ao mundo. Assim Maria é a serva do Deus Bendito, uma vida de disponibilidade em fazer a vontade do Criador.

Da mesma forma, nós, cristãos, podemos proclamar o Evangelho e levar Cristo ao mundo, sendo testemunhas de sua ressurreição. Podemos apresentar Cristo ao mundo, demonstrando que Ele está vivo e reina no trono celestial. Assim como Maria trouxe Jesus ao mundo, podemos trazer Jesus ao coração dos outros através da proclamação do Evangelho e do testemunho de nossa própria vida. E Deus, certamente, contempla aqueles que trilham esse caminho, o caminho do testemunho. A dignidade humana reside na contemplação divina, independentemente da opinião alheia. O olhar de Deus sobre nós, e não a avaliação de outros, é o que verdadeiramente importa. A mais alta honra é ser

objeto da atenção do Senhor, e em nossos dias, a escassez de homens piedosos e virtuosos é evidente. Para merecer a contemplação divina, é preciso servir com humildade, submetendo-se à vontade de Deus, mesmo que isso implique em riscos e sacrifícios. É a entrega absoluta, o instrumento da vontade divina que nos eleva. Ainda mais notável é a afirmação de Maria de que todas as gerações a proclamariam bem-aventurada. A razão para essa bem-aventurança reside em sua condição de serva. A humildade e a disposição para servir ao Senhor são qualidades de grande valor aos olhos divinos. Os anjos testemunham a importância da humildade na vida de uma pessoa. Quanto maior a nossa dependência do Senhor, mais Ele nos utiliza. A própria resposta divina a Paulo, de que o poder de Deus se manifesta na fraqueza, ilustra essa verdade. Ao reconhecer em Maria um exemplo de humildade, submissão e serviço, Deus a elegeu como instrumento apropriado para a vinda do Messias.

A escolha divina é seletiva: Ele escolhe os simples, os humildes, os servos e aqueles que se submetem à Sua vontade. Ele escolhe aqueles que cultivam a virtude da humildade em seus corações e a manifestam em suas vidas. Deus não busca aqueles que se exibem em público, mas sim aqueles que buscam a Sua presença em particular. Ele não procura aqueles que dependem da fama religiosa para se autopromoverem, mas sim aqueles que, em submissão e serviço, buscam realizar a vontade divina, desconsiderando a própria reputação. O que realmente importa é agradar a Deus por meio de uma vida dedicada à concretização de Seus propósitos.

Ser um instrumento de Deus é não ter vontade própria, não ser autossuficiente. Maria personificou essa condição. Ela não era autossuficiente nem onipotente. Por isso, o Deus Todo-Poderoso utilizou sua humildade e fraqueza para realizar obras extraordinárias. Deus opera dessa maneira, realizando feitos notáveis por meio daqueles que se mostram simples e disponíveis.

Todos os cristãos, aqueles que genuinamente abraçam a fé, reconhecem sua própria humildade diante da grandeza divina. Sabem que, embora suas palavras possam parecer limitadas, a mensagem do Evangelho que carregam e proclamam é de uma grandiosidade incomensurável. Compreendem que, por si sós, são incapazes de realizar qualquer obra de valor duradouro.

Jesus, no Evangelho de João, capítulo 15, ao falar sobre a videira verdadeira, afirmou: "Sem mim, nada podeis fazer". Essa verdade se estende a todos. Sem Deus, nada podemos alcançar. Sem Deus, Maria, Paulo e Pedro não teriam cumprido seus propósitos.

Reconhecemos, portanto, nossa total dependência do Criador, em quem respiramos, nos movemos e existimos. (Atos 17:28) É por meio Dele e da dependência de Sua misericórdia que podemos atingir a plenitude espiritual e viver uma vida piedosa. A vida piedosa, em sua essência, é a consequência natural de uma vida guiada, controlada e repleta do Espírito Santo. Observamos, igualmente, a humildade e a sinceridade de Maria. Notemos sua declaração: "Todas as gerações me considerarão bem-aventurada". Qual a razão para essa ênfase numa atenção universal? Ela mesma responde: "Porque o Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas". A iniciativa não partiu dela, mas da vontade divina. Deus agiu por intermédio de Maria, que se tornou o instrumento para a realização de seus grandiosos desígnios. Ela colocou em Deus o ponto nevrálgico central de todo o milagre, não foi Maria quem fez o milagre, mas Deus quem fez grandes milagres através de Maria. O grande Senhor trabalhando através de uma humilde serva

Maria não atribuiu a si mesma a capacidade de realizar grandes feitos para Deus. Ao contrário, ela reconheceu não possuir forças próprias para tal. As grandes obras foram realizadas por Deus através de Maria, pois, em sua humildade e entrega absoluta, ela se tornou o instrumento escolhido por Ele. Assim, é fundamental compreendermos essa verdade, mantendo a perspectiva correta, conforme

revelada no texto em análise. A exegese cuidadosa das declarações contidas no texto nos revela essa realidade. A minha alegria e o regozijo do meu coração provêm da certeza de que Deus opera de maneira extraordinária quando nos entregamos completamente a Ele, permitindo que sejamos instrumentos de Sua graça para abençoar outras pessoas.

A manifestação da grandeza divina se revela através da humildade, pois esta é o terreno fértil onde as sementes do poder divino florescem. É na humildade que o amor resplandece com maior intensidade, razão pela qual Cristo, o Redentor, veio como o Cordeiro de Deus que expia os pecados do mundo. Na ocasião em que o homem buscou eleger um rei para Israel, a escolha recaiu sobre Saul, homem de porte físico imponente e de grande atrativo. Contudo, quando Deus selecionou um rei , a escolha foi recair sobre um jovem desprezado aos olhos dos homens, um homem humilde que, na solidão dos campos, pastoreava ovelhas. Seu nome era Davi. Aquele que se humilha para que Deus seja exaltado experimentará as maiores e mais sublimes expectativas. Todo instrumento que se entrega à ação divina tem a oportunidade de deixar um legado espiritual significativo para o mundo.

Toda geração espiritualmente equilibrada terá como foco central a devoção a Deus e a vivência diária da fé. A compreensão de que Deus é a fonte de tudo em todos é fundamental. O sentimento mais nobre surge, desenvolve-se e prospera no coração que acolhe essas verdades essenciais, pois este coração adentrou o caminho da mais sincera devoção espiritual. Isso significa, acima de tudo, amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente.

“Porque está escrito: Como eu vivo, diz o Senhor, que todo o joelho se dobrará a mim, e toda a língua confessará a Deus” (Romanos 14:11 veja também Isaias 45:23 e Filipenses 2:9 a 11)

É evidente, e qualquer pessoa atenta perceberá, que Maria não busca protagonismo. Ela não almeja, nem exige, nem procura desviar o foco para si mesma; antes, direciona toda a atenção ao Senhor. Ele, Deus, é o centro de sua vida. Diante disso, podemos considerar esta, sobre a pessoa de Maria, uma das declarações mais teocêntricas das Escrituras Sagradas. Isso me remete a Colossenses, capítulo 1, versículo 18, onde se afirma que em tudo Ele, Cristo, deve ter a preeminência. Maria, de fato, conferiu a Deus a primazia em todas as suas ações. Ela abriu mão de qualquer destaque pessoal, dedicando a Deus toda a sua vida, atenção e devoção. Esse é, portanto, o caminho seguro para a prática da piedade cristã. É dessa maneira que o cristão bíblico deve ser e permanecer.

É imprescindível que compreendamos essa questão de forma definitiva. Maria, reconhecendo sua posição como criatura, coloca-se humildemente perante Deus, o Criador. Ela é, portanto, o instrumento, e Deus, Aquele que a utiliza. Essa reflexão evoca o Salmo 100, versículo 3, onde o salmista declara: "Sabei que o Senhor é Deus; foi ele que nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio". Assim, podemos entender Maria como instrumento de Deus, por ser sua criatura, sua serva. Diante dessa realidade, Maria reconhece que a devoção não lhe é direcionada, mas sim a Deus. Consequentemente, a vida de Maria é integralmente teocêntrica. Do versículo 48 ao 54 do capítulo 1 de Lucas, fica evidente, de maneira clara e concisa, a centralidade de Deus na vida de Maria. As evidências que se seguirão demonstrarão que Maria dirige seu olhar inteiramente a Deus, ao Senhor, Suprema e Bendita Majestade, de modo que a primazia e a preeminência pertencem única e exclusivamente ao Deus Triúno.

Portanto, podemos discernir que Maria busca orientar-nos a uma vida centrada em Deus. Ela o apresenta como a fonte primordial, o agente principal e o soberano absoluto de

todas as coisas. Seu desejo é que adotemos essa centralidade divina, vivendo uma vida teocêntrica. Observamos, assim, de maneira clara, que sua conduta visa direcionar nosso olhar ao Senhor, reconhecendo-O como a fonte de tudo. Maria atribui a Ele toda a honra e, em sua humildade, se coloca a serviço. Ela exalta a Deus como a causa, o supremo, o onipotente, o administrador e o responsável por todas as ações. Refletindo o versículo 48, ela declara que Deus contemplou sua humildade. No versículo 49, atribui ao Poderoso as grandes coisas realizadas em sua vida. No versículo 50, proclama a misericórdia divina que se estende por gerações. No versículo 51, testemunha a ação de Deus com o braço forte. Ainda no versículo 51, descreve Deus agindo na dispersão dos soberbos. No versículo 52, relata a queda dos poderosos de seus tronos. No versículo 53, narra a exaltação dos humildes e a partida dos ricos de mãos vazias. E, no versículo 54, declara o amparo de Deus a Israel, seu servo. Evidencia-se, de forma concisa, que Maria é totalmente teocêntrica, reconhecendo a constante atuação, o amparo e a escolha de Deus. Maria é um exemplo de vida teocêntrica, e todo cristão bíblico deve ter a Trindade Divina como o centro de sua vida, sua atenção e sua teologia. Essa é a doutrina, a essência do ser um homem espiritualmente piedoso e estritamente bíblico, tal como Maria foi. Antecipadamente, faço a suma, apresento Maria como exemplo autêntico de piedade. O Novo Testamento oferece um retrato detalhado de sua vida, revelando uma espiritualidade profunda. A verdadeira espiritualidade cristã, aquela que emana da fé bíblica e da regeneração espiritual, se manifesta em uma vida dedicada a Deus, como foi a vida de Maria. Ela demonstrou submissão e serviço a Deus, qualidades que nos oferecem ricas e valiosas lições. Essas características refletem a essência de uma espiritualidade genuinamente bíblica e guiada pelo Espírito Santo, que inspirou Lucas a registrar ensinamentos preciosos sobre a mãe de Jesus. Podemos aplicar essas lições em nossas vidas, aprendendo que devemos direcionar

nossa existência completamente a Deus, que, em sua graça e misericórdia, nos utiliza como instrumentos para a realização de seus propósitos, a fim de que a causa do Evangelho seja promovida e a vontade divina se cumpra através de nós.
“Deus sempre e totalmente engrandecido através de vasos frágeis que não desejam glórias ou grandeza para si mesmas, mas desejam que todos olhem para as grandezas, majestade e poder de Deus, que sejam todos os olhos fixos na soberania eterna e infinita do Deus Triúno”

CARACTERÍSTICAS DE UMA VERDADEIRA ALMA DEVOTA

Sermão III

A regeneração produz sinais inconfundíveis de uma vida transformada (2 Coríntios 5:17). Trata-se de uma obra sobrenatural operada pelo Espírito Santo no íntimo do pecador que recebeu a justificação pelos méritos do sacrifício expiatório de Cristo na cruz. Essa transformação

não é meramente exterior ou sentimental — ela irrompe do coração e manifesta-se de modo consistente na conduta diária daquele que genuinamente nasceu de novo.

Se uma pessoa não experimentou uma conversão real, não pode, em hipótese alguma, apresentar de forma sustentada os sinais de quem possui o Espírito de Cristo. A Epístola aos Romanos, em seu capítulo oitavo, constitui uma das mais ricas janelas pelo qual se pode contemplar, em contraste vívido, as virtudes do homem cheio do Espírito Santo e a condição lamentável do homem carnal, que permanece escravo de sua natureza adâmica e jamais nasceu de novo.

Muitos abraçam uma reforma religiosa superficial e se enganam a si mesmos, tomando por regeneração aquilo que não é senão uma modificação de hábitos ou uma adesão cultural ao cristianismo. A regeneração bíblica, contudo, é radical: ela implica uma transformação no centro mesmo da personalidade humana — o coração — de modo que o convertido passa a ser, em um sentido profundo, uma nova criatura (Filipenses 2:15; Ezequiel 36:26).

O apóstolo Paulo afirma que há coisas que acompanham a salvação (Hebreus 6:9). Entre elas, destaca-se o andar em novidade de vida — uma existência cristocêntrica, marcada por íntima comunhão com Cristo.

Toda a orientação do homem regenerado move-se em direção ao Senhor (Efésios 1:10). O ego já não ocupa o trono; Cristo sim. E por isso os frutos são evidentes e crescentes.

A pessoa que experimentou uma verdadeira conversão torna-se uma alma piedosa, progredindo em direção a uma devoção cada vez mais profunda por Deus. Não se trata de perfecionismo moralista, mas de uma atração genuína e crescente pela santidade e pela presença divina. A seguir, enumeramos dez características que marcam essa alma devota, à luz das Escrituras:

Os Sinais da Alma Verdadeiramente Convertida

1. *Elevado conceito da santidade e do caráter de Deus*

A alma devota possui uma visão cada vez mais exaltada da majestade divina. Não reduz Deus às dimensões de sua própria conveniência, mas cresce no temor reverente e no afeto por conhecê-Lo mais profundamente. Isaías, ao contemplar a glória do SENHOR no templo, prostrou-se diante da absoluta santidade dAquele que habita a eternidade (Isaías 6:1-5). Esse mesmo espanto reverente caracteriza o verdadeiro convertido.

2. *Amor sincero pelos preceitos e mandamentos de Deus*

Os mandamentos de Deus são preciosos ao coração regenerado, não um fardo a ser tolerado. O salmista afirma: 'Quão amável é a tua lei! É a minha meditação em todo o dia' (Salmo 119:97). A alma devota guarda os estatutos divinos como tesouros inestimáveis, com um coração zeloso, obediente e temente.

3. *Gratidão profunda e satisfação genuína em Cristo*

O convertido nutre uma gratidão inextinguível por Deus, consciente da enormidade do que foi redimido. Essa gratidão não é performática; ela sabe encontrar conforto verdadeiro e satisfação ímpar em Cristo, especialmente nas adversidades, pois aprendeu com Paulo o segredo do contentamento em qualquer condição (Filipenses 4:11-13).

4. *Devoção e postura reverentente nas assembleias*

A alma piedosa tem prazer genuíno na reunião dos santos. Comporta-se com decoro e reverência diante das coisas sagradas, pois sabe que a assembleia não é mero espaço social, mas o lugar onde o povo de Deus se reúne em torno da Palavra e da adoração. Seu

coração está voltado inteiramente para a glória de Deus, e sua atenção nas reuniões reflete esse amor.

5. *Apetite pela Palavra de Deus e pela sã doutrina*

O convertido tem fome e sede da exposição das Escrituras. Não se contenta com superficialidades; quer compreender a vontade santa e justa de Deus tal como se manifesta em seus conselhos, doutrinas e estatutos. Como Pedro exorta, deseja 'o leite espiritual não adulterado' para crescer na salvação (1 Pedro 2:2), e, amadurecendo, passa ao alimento sólido da doutrina.

6. *Discernimento e rigor na escolha das coisas espirituais*

A alma devota não consome indiscriminadamente qualquer ensino ou prática que se apresente como espiritual. Examina tudo à luz das Escrituras, aprovando o que é excelente (Filipenses 1:10), e rejeita com firmeza aquilo que, embora atraente, não encontra fundamento na Palavra. Esse discernimento é fruto do Espírito e do estudo diligente das Escrituras.

7. *Produção consistente dos frutos do Espírito Santo*

A vida piedosa não é declarada — é demonstrada. Os frutos do Espírito (amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio — Gálatas 5:22-23) emergem de modo crescente e consistente na conduta da alma regenerada. Eles não são produzidos por esforço de vontade, mas brotam naturalmente da árvore que foi plantada junto às águas vivas.

8. *Descanso e dependência totais no SENHOR*

O convertido aprendeu a descansar em Deus, lançando sobre Ele toda a sua ansiedade, porque sabe que Ele tem cuidado (1 Pedro 5:7). Sua dependência do SENHOR não é retórica de piedade, mas uma postura existencial concreta: ele reconhece a sua fraqueza e encontra na onipotência de Deus o seu único recurso.

9. *Desinteresse pela glória humana; busca pela glória de Deus*

O ego entronizado é a marca do homem natural; o ego crucificado é a marca do convertido. A alma devota não busca o aplauso dos homens nem alimenta uma religiosidade exibicionista. Tem como meta ser aprovada por Deus, não pelos homens (Gálatas 1:10), e encontra no anonimato da devoção sincera sua maior recompensa.

10. *Zelosa vida devocional: oração e leitura das Escrituras*

A oração não é um fardo religioso para a alma convertida, mas um privilégio e uma necessidade da alma. Da mesma forma, a leitura e a meditação das Escrituras são práticas regulares e prazerosas, não obrigações exteriores. Essa disciplina espiritual não é legalismo; é a expressão natural do amor que a alma nutre por Aquele com quem comunga.

Conclusão: A Verdadeira Espiritualidade

Esses sinais não surgem de uma vez, nem de forma idêntica em todos os convertidos. Desenvolvem-se progressivamente ao longo da vida cristã, em ritmos e intensidades distintos, conforme a obra santificadora do Espírito em cada alma. Contudo, onde não se vislumbram quaisquer desses sinais, é legítimo questionar se houve de fato regeneração — ou apenas uma reforma superficial de costumes.

A meta suprema do coração convertido é amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento (Mateus 22:37). A verdadeira espiritualidade não consiste em experiências extáticas ou em performances religiosas, mas na consciência cada vez mais viva e profunda de um amor por Deus — um amor que purifica, transforma e orienta toda a existência.

O homem convertido não experimenta um misticismo fanático e egocêntrico. Irradia, ao contrário, a luz serena da presença de Deus — uma luz que não chama atenção para si mesma, mas aponta, em tudo, para a glória dAquele que o chamou das trevas para a sua luz admirável (1 Pedro 2:9).

O grande despertar espiritual não é um êxtase passageiro que alimenta o orgulho interior. É, antes, um amor incondicional e crescente por Deus, alicerçado numa humildade genuína — aquela que nasce da contemplação da grandeza infinita de Deus diante da nossa condição finita e pecaminosa. É nesse contraste que a graça resplandece, e é nesse amor que a alma devota encontra sua mais alta e perfeita alegria.

Referências Bíblicas

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia Sagrada, versão Almeida Revista e Corrigida (ACF). Referências consultadas: 2 Coríntios 5:17; Romanos 8; Filipenses 2:15; 4:11-13; Efésios 1:10; Hebreus 6:9; Isaías 6:1-5; Salmo 119:97; 1 Pedro 2:2, 9; 5:7; Gálatas 1:10; 5:22-23; Mateus 22:37; Ezequiel 36:26.